


MASCULINIDADES E SAÚDE: NARRATIVAS (CO)CONSTRUÍDAS POR JOVENS DE UMA ESCOLA PÚBLICA DO AGRESTE PERNAMBUCANO

 <https://doi.org/10.56238/arev6n4-229>

Data de submissão: 14/11/2024

Data de publicação: 14/12/2024

Jullyane Chagas Barboza Brasilino
Doutora em Psicologia Social - PUC/SP
Professora Adjunta - UPE/Garanhuns

Jorge Edielson Costa Gueiros
Graduado em Psicologia - UPE/Garanhuns
Universidade de Pernambuco - UPE

RESUMO

O presente estudo analisa os sentidos sobre masculinidades e suas implicações nas práticas de saúde entre adolescentes de uma escola pública estadual do agreste pernambucano que teve como questão de pesquisa: Como os sentidos (co)produzidos sobre masculinidades interagem com as práticas de cuidado com a saúde dos adolescentes? Assim, o objetivo geral foi analisar os sentidos sobre masculinidades que circulam entre os adolescentes estudantes do sexo masculino de uma escola pública estadual do agreste pernambucano. A metodologia utilizada foi qualitativa, tendo o construcionismo social como base, incluiu como passos metodológicos uma revisão bibliográfica inicial, seguida de observações no cotidiano escolar e roda de conversa com os estudantes. Todas essas etapas foram registradas nos diários de pesquisa. Os resultados indicaram, que os adolescentes produziram e (re)produziram, mas também questionaram, normas de masculinidade hegemônica que influenciam suas práticas de cuidado. A roda de conversa evidenciou conflitos internos e pressões sociais relacionadas às expectativas de gênero, fato este, que impacta comportamentos como a busca por serviços de saúde e práticas ditas como masculinas. Conclui-se que o ambiente escolar é um espaço estratégico para fomentar críticas sobre gênero e saúde, na busca de (co)construirmos sentidos sobre as masculinidades, para assim, pensarmos a desconstrução de estereótipos e a promoção de práticas inclusivas e que proporcionem a promoção de saúde.

Palavras-chave: Masculinidades, Saúde, Psicologia Social.

1 INTRODUÇÃO

Nos últimos trinta anos, as questões de gênero têm ganhado espaços de discussão nas relações interpessoais e/ou institucionais. Desde os estudos feministas na segunda metade do século passado, bem como, os estudos sobre masculinidades, foco desta pesquisa, que tiveram suas primeiras pesquisas realizadas no final da década de 1980 (Lyra; Medrado, 2008). A contar desse momento, nessas últimas duas décadas, tornou-se relevante que estas temáticas fossem incorporados às discussões nos mais diversos espaços de socialização, à exemplo das escolas, a fim de que atuem na sua função primordial que é “o pleno desenvolvimento do educando, seu preparo para o exercício da cidadania e sua qualificação para o trabalho” (Brasil, 1996, p. 1). Isso posto, as relações de gênero impactam diretamente nas relações sociais, pois organizam e sistematizam a sociedade a partir das relações de poder, que demarcam os lugares que as pessoas ocupam, tendo em vista que os modos de ser e seus saberes e práticas cotidianas são implicados por essas relações (Lyra; Medrado, 2008).

Foi em meados da década de 1990, com o intuito de desenvolver um campo específico de estudos sobre as masculinidades dentro dos debates sobre gênero, que o autor Robert - agora Rayween - Connell, discutia essa ideia. Mas foi só em 2004, junto com alguns outros autores que Connell publicou o “Handbook of Studies on Men and Masculinities” na tentativa de uma organização de conhecimentos sobre masculinidades. Tal estudo destacou quatro aspectos que englobam as masculinidades: 1) as reproduções de masculinidades na organização social; 2) Como os homens compreendem “as identidades de gênero”; 3) As masculinidades como produto das interações sociais, e por fim, 4) Construções das masculinidades e suas relações com as instituições (Lyra; Medrado, 2008).

Deste modo, os trabalhos sobre o tema, mais especificamente a “masculinidade hegemônica”, provocam “uma ligação entre o campo em crescimento dos estudos sobre homens, ansiedades populares sobre homens e meninos, posição feminista sobre o patriarcado e modelos sociais de gênero” (Connell; Messerschmidt, 2013, p.2), que buscam pensar as interações sociais a partir de uma perspectiva relacional de gênero, tensionando as disparidades que essas relações têm engendrado.

Assim, as relações de gênero desempenham um papel importante para pensar as práticas de vida de modo geral, e aqui destacamos o cuidado em saúde, diversos tipos de acesso e até a forma como as pessoas compreendem seu bem-estar. No contexto das masculinidades, particularmente entre jovens, as normas sociais que ditam o que é ser "masculino" podem levar à negação de vulnerabilidades e à adoção de comportamentos de risco, muitas vezes em detrimento de cuidados com a saúde. Analisar os repertórios linguísticos sobre masculinidades em práticas de saúde nos

possibilita identificar como essas construções sociais impactam no modo de vivenciar ou recusa de cuidados, refletindo a necessidade de abordar a saúde de maneira sensível às relações de gênero.

Destarte, a escola, *lôcus* do presente estudo, torna-se um solo fértil para potencializar as reflexões de uma possível superação das desigualdades de gênero, uma vez que, é neste espaço que começam a constituir-se as primeiras relações sociais. Corroborando com esta ideia, a Lei de Diretrizes e Bases da Educação no seu artigo primeiro diz: “A educação abrange os processos formativos que se desenvolvem na vida familiar, na convivência humana, no trabalho, nas instituições de ensino e pesquisa, nos movimentos sociais e organizações da sociedade civil e nas manifestações culturais” (Brasil, 1996, p.1). Sendo assim, a presente pesquisa focou em adolescentes do sexo masculino, que estão nas escolas da rede estadual de ensino do agreste meridional pernambucano.

Neste ínterim, o estudo, está vinculado ao projeto guarda-chuva intitulado: Gênero, Diversidade Sexual e Saúde nas escolas: diálogos possíveis. E tendo como pergunta disparadora: Qual a interação entre os sentidos (co)produzidos sobre masculinidades entre adolescentes de uma escola estadual do agreste pernambucano e as práticas de cuidado com a saúde? Dessa forma, o objetivo geral foi analisar os sentidos sobre masculinidades que circulam entre os adolescentes estudantes do sexo masculino de uma escola pública estadual do agreste pernambucano. Tendo como objetivo específico: analisar os diferentes repertórios linguísticos sobre masculinidades acerca das práticas de saúde integral dos estudantes.

2 METODOLOGIA

Trata-se de uma pesquisa qualitativa, com enfoque em um conjunto de práticas sociais, desta forma, foi um estudo voltado para as singularidades e a não quantificação, pois há uma visão que, “trabalha com significados, motivos, aspirações, crenças, valores e atitudes[...]” (Minayo, p. 21 e 22, 2001). Além disso, a pesquisa parte do olhar do construcionismo social, que se debruça na investigação dos modos como as pessoas explicam, descrevem e veem o mundo no qual vivem (Spink, 2010). Segundo a autora, a pesquisa de base construcionista resulta “numa socialização do conhecimento que passa a ser algo que construímos juntos por meio de nossas práticas sociais e não algo que apreende do mundo” (Spink, 2010, p. 9).

Outrossim, o presente texto trata-se de um recorte de uma pesquisa maior intitulada “Gênero, Diversidade Sexual e Saúde nas Escolas: diálogos possíveis”, que foi submetida ao Comitê de Ética e Pesquisa da Universidade de Pernambuco - UPE e aprovada com CAAE: 73164323.0.0000.0128, parecer: 6.454.374.

Uma etapa metodológica foi o levantamento bibliográfico. Nela utilizamos as plataformas

Biblioteca Virtual em Saúde - BVS; *Scielo*; Periódicos Eletrônicos em Psicologia - PEPsic, e a Biblioteca Digital Brasileira de Teses e Dissertações (BDTD). Elegemos para a busca bibliográfica os descritores “masculinidades”; “adolescentes”; “homens”, “saúde” e “escola”. A partir dessa pesquisa foi feito um recorte temporal dos anos de 2018 a 2023, a fim de considerar os últimos cinco anos de publicações para termos fontes mais recentes e foi encontrados 53 resultados, sendo estes respectivamente, 4 da BVS; 2 (repetidos) da Scielo; Na PEPsic a única combinação que gerou 14 resultados foram - masculinidades e homens; e por fim, identificamos 33 textos da BDTD.

Para a seleção final dos textos, utilizamos os seguintes critérios: Ler todos os resumos e identificar pontos de intersecção desses com a pesquisa que tem como temas centrais masculinidades e saúde. Na etapa seguinte, foi realizada a triagem e selecionamos 10 artigos para a leitura integral, que tinham ligação direta com o estudo em questão. Em adição a isso, foi realizada a leitura de alguns livros que abordam os descritores da pesquisa e que são referência nessa área de estudos.

Outra etapa importante do estudo foi a escolha de uma escola para desenvolver a pesquisa, optamos por uma Escola de Referência em Ensino Médio com a qual havíamos tido pouco contato anteriormente. A referida EREM, teve sua fundação no ano de 1960 e no ano seguinte sendo reconhecida por portaria do governo estadual. Em 2023 (ano da realização da observação e das rodas de conversas), contava com a seguinte estrutura: 12 salas de aulas atuando apenas com a modalidade Ensino Médio, etapa final da Educação Básica, sendo essas 4 para os primeiros anos, 4 para os segundos anos, 3 para os terceiros e uma biblioteca; uma quadra poliesportiva; 2 laboratórios, sendo 1 de ciências e o outro de informática; 1 pátio que serve também de refeitório, pois a escola não dispõe de um; 1 cozinha; 1 sala para coordenação; 1 sala da gestão; 1 secretaria; 1 sala dos professores e 4 banheiros, sendo 2 masculinos e 2 femininos (dois desses são exclusivos para os professores), e por fim, a escola tem uma área verde.

Inicialmente, foi realizada uma visita com o intuito observar no cotidiano da escola, o lugar que os adolescentes convivem, horários das aulas, intervalos e espaços de convivência dentro desse contexto. Apresentamos a proposta da pesquisa e a carta de anuência autorizada pela Gerência Regional de Educação do Agreste Meridional - GRE/AM. Foi explicado como funcionariam as rodas de conversas e a importância dos estudantes saberem um pouco sobre a temática das rodas e seus objetivos.

Entretanto, foi falado das complicações que poderiam vir acontecer para essa execução, uma vez que já final do ano letivo (2023) e daquele mês específico (novembro) iriam acontecer a aplicação das provas externas SAEB (Sistema de Avaliação Educacional Brasileiro) e o SAEPE (Sistema de Avaliação Educacional de Pernambuco). Além disso, a escola vivenciaria um projeto chamado

Estadual em Foco, que acontece anualmente, no qual mobiliza toda a comunidade escolar. Ao conversarmos e visitar o calendário letivo, acordamos dias para conversar com os estudantes de maneira informal, falar um pouco sobre a pesquisa e a entrega dos documentos de autorização dos responsáveis pelos adolescentes interessados (TCLE e Uso de Mídias) em participar de maneira voluntária. Outro fator pertinente, foi deixar claro à escola nosso interesse em fazer uma devolutiva da pesquisa para todos os envolvidos nela e a Assistente ficou interessada em pensarmos um projeto a partir dos resultados desse estudo.

No decorrer do mês de novembro, ao todo foram oito visitas à escola, conhecendo o espaço, conversando com as pessoas, falando sobre a pesquisa com os adolescentes, entregando documentação e recolhendo-a. A gestão da escola sinalizou o 1º ano do Ensino Médio C como a sala que tem mais alunos do sexo masculino. Nessa sala, a maioria não quis participar a princípio, foi identificada uma resistência por parte deles ao falar da temática e como ela iria acontecer de maneira coletiva - numa roda de conversa. Quando o primeiro levantou a mão, a grande maioria foi levantando também e as perguntas foram surgindo.

Dessa forma, em conjunto com a escola resolvemos pulverizar a notícia das rodas nos quatro primeiros anos da escola e esperamos a adesão dos alunos. Ao todo foram entregues mais de 30 cópias de TCLE e Uso de Mídias, porém, com a vivência do projeto na escola e sua culminância próxima os alunos sempre esqueciam os documentos em casa, por isso, a necessidade de fazer muitas visitas, pois a escola estava focada nessa atividade e dispersa para outras tarefas, e a pesquisa era uma delas. Para Spink (2008) as dificuldades que podem acontecer para a inserção ao campo-tema, dentre elas, temos a disposição para o diálogo e compartilhamento de experiências. Esse fator torna-se essencial, pois era necessário estarmos abertos ao diálogo e à troca de ideias com os membros da comunidade escolar, a fim de enriquecer a pesquisa e promover uma abordagem colaborativa dos participantes à luz da psicologia social.

A psicologia social, como campo de estudo, enfrenta o desafio de legitimar a observação cotidiana como método científico. Persuadir a comunidade científica e o público em geral da validade de sentar em cafés, andar nas ruas e conversar com pessoas como práticas de pesquisa legítimas exige um debate contínuo sobre a relevância e rigor desses métodos. Essa discussão é fundamental para garantir a qualidade e a credibilidade da pesquisa em psicologia social, especialmente quando se trata de estudos qualitativos que se baseiam em experiências e interpretações subjetivas (Spink, 2008). A partir de uma abordagem reflexiva e colaborativa, podemos fortalecer a psicologia social como um campo de conhecimento rigoroso e relevante para a compreensão do comportamento humano em diferentes contextos sociais. Tais aspectos legitimam a importância das várias observações feitas

naquele espaço.

Esses encontros iniciais foram importantes para conhecer o espaço, conversar com a comunidade escolar, de inteirar-nos de como os participantes da pesquisa convivem, aproximando-se da dinâmica do espaço e da relação que este propicia. Posto isso, ocorreu uma observação *no* cotidiano, com o intuito de constituir uma relação entre os pesquisadores, o espaço e os participantes. De acordo com Batista, Bernardes e Menegon (2014), os estudos de campo exigem do/a pesquisador/a uma reflexão acerca do cotidiano e a configuração do *microlugar*. Essa interação torna-se imprescindível para a qualidade da pesquisa.

Além das ricas observações no cotidiano da escola, registradas no diário de pesquisa, outro passo metodológico importante nos auxiliou no processo de coprodução de sentidos sobre masculinidades e saúde junto aos adolescentes, foram as rodas de conversa. Assim, pensamos nas rodas de conversa como esse espaço de interação do grupo, no qual as pessoas que estão participando se reúnem de maneira circular para compartilhar experiências sobre uma determinada temática, a partir de uma troca de ideias de forma colaborativa. Para Rasera (2020), esse formato de encontro proporciona um ambiente confortável para esse compartilhamento, a igualdade dos envolvidos – pela posição circular e horizontal que todos/as/es se encontram, o respeito mútuo e uma escuta ativa para uma co-construção das narrativas.

A escolha das rodas de conversa como estratégia de pesquisa, foi com o intuito de promover a expressão de opiniões dos adolescentes de maneira livre e reflexiva. Por não haver uma hierarquia nos questionamentos e reflexões, é possível a promoção de múltiplas vozes, a valorização da diversidade de perspectivas sobre a mesma temática, sem falar que os participantes têm a oportunidade de se engajar em processos colaborativos de transformação social, fortalecimento dos laços sociais e o desenvolvimento de um debate cooperativo e construtivo (Rasera, 2020).

A roda de conversa aqui apresentada e analisada foi realizada por um dos autores e a pesquisadora Maria Isabel Cavalcante Almeida, ambos pesquisadores da pesquisa guarda-chuva “Gênero, Diversidade Sexual e Saúde nas Escolas: diálogos possíveis”, com duração de uma hora e cinquenta e sete minutos, que aconteceu na biblioteca da escola com 14 participantes. A roda foi gravada e transcrita nos *smartphones* dos pesquisadores, e realizadas anotações complementares, com a devida permissão dos participantes. Essas informações foram arquivadas no notebook da pesquisadora principal e serão deletadas após a devida tratativa dos dados.

Seguindo o rigor ético da pesquisa, torna-se necessária a utilização de alguns documentos para a realização das rodas de conversa com adolescentes numa escola. Assim, foi usado o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE) constando todos os procedimentos e objetivos da

pesquisa para a assinatura dos pais ou responsáveis pelos adolescentes, buscando deixar claro a ciência desses e da participação voluntária. Outro documento que é assinado pelos responsáveis chama-se Uso de Mídias, por serem gravadas e transcritas as rodas de conversa, é preciso que seja autorizado o uso dessas falas. Esses procedimentos são nos ancorados pela Resolução do CNS de nº 466/2012, que elucida que todos estudos realizados com seres humanos devem ser aprovadas pelo Comitê de Ética em Pesquisas e seus participantes (nesse caso os pais ou responsáveis) devem assinar o TCLE, como também, este deve ser lido pelo pesquisador junto aos envolvidos, fazendo-se relevante a disponibilidade de uma cópia para cada um/a (Brigagão *et al.*, 2014).

Em adição a isso, em virtude dos participantes do estudo serem adolescentes, foi realizada a leitura e a assinatura do Termo de Assentimento Livre e Esclarecido - TALE. Este documento apresentou-se aos participantes por serem menores de idade, como uma forma de respeitar a autonomia desses adolescentes e de garantir que eles compreendessem os objetivos e riscos da pesquisa na qual estavam se voluntariando a participar (Novoa, 2014). O TALE visa expor de maneira clara e acessível aos adolescentes os procedimentos que envolvem sua participação e informar a possibilidade de saída da pesquisa a qualquer momento. Além disso, o uso dos TCLE e TALE podem contribuir para a qualidade e confiabilidade dos dados produzidos, já que os adolescentes estarão mais engajados e motivados em participar ativamente da pesquisa. Por fim, foi assinado um termo de Uso de Mídias pelos adolescentes também dando ciência a eles que as vozes seriam gravadas e transcritas.

Por conseguinte, para a condução da roda de conversa usamos vários recursos e técnicas grupais como: Contrato; Técnica de apresentação (quebra-gelo); Uso de material audiovisual como disparador da temática (vídeo: Minha vida de João - Instituto Papai) , e Uso de colagens sobre a temática. Para o planejamento dos encontros grupais, tomamos como base os estudos de Emerson Rasesa (2020) sobre as contribuições do construcionismo social para os encontros grupais e seus efeitos.

Os grupos proporcionam um espaço para o diálogo, a colaboração e a construção de significados compartilhados, na formação de identidades, na transmissão de valores, na promoção de mudanças sociais, contribuindo para o fortalecimento das relações sociais e para o desenvolvimento de comunidades mais coesas e inclusivas (Rasesa, 2020). Assim, ao pensarmos que as rodas de conversa seriam uma maneira de oportunizar aos adolescentes a compartilhar diferentes perspectivas, experiências e conhecimentos, o que contribui para a criação de novas formas de compreender o mundo e de agir de maneira colaborativa e co-construída.

Conforme Rasesa (2020), no construcionismo social, o trabalho em grupo assume um papel

fundamental na construção da realidade. A partir da interação e do discurso compartilhado, o grupo torna-se um espaço de co-construção de narrativas, negociação de significados e formação de identidades. O trabalho em grupo valoriza a diversidade de vozes e a corresponsabilidade na busca por soluções para os desafios da comunidade. Dessa forma, o grupo se torna um ambiente propício para a reflexão crítica, a transformação social e a promoção de uma democracia participativa e inclusiva. Em suma, o trabalho em grupo no construcionismo social potencializa a capacidade de colaboração e ação coletiva para a transformação positiva da sociedade.

Para a sistematização das transcrições, foi construído um quadro, como mapa de associação de ideias, partindo do estudo de Mary Jane Spink (2013), os mapas organizam e sistematizam os diferentes elementos da pesquisa. A construção linguística, os repertórios e a dialogia implícita se unem em uma composição de interpretação e produção de sentidos, por meio da análise das práticas discursivas. De acordo com a autora, esses instrumentos contêm duplo objetivo, que são: “dar subsídios ao processo de interpretação e facilitar a comunicação dos passos subjacentes ao processo interpretativo” (Spink, 2013, p. 107).

3 RESULTADOS E DISCUSSÕES

A partir da roda de conversa pretendeu-se analisar os sentidos sobre masculinidades e saúde que circulam entre os adolescentes estudantes de uma escola pública estadual do agreste pernambucano. Assim também, identificando nos seus discursos as implicações da masculinidade hegemônica no contexto escolar, e mapeando a produção desses sentidos no cotidiano dos participantes.

O espaço reservado para que a roda de conversa acontecesse foi a biblioteca, tendo que realocar os servidores do ambiente para a sala dos professores, fato esse, que gerou um certo desconforto por parte da escola, uma vez que todas as atividades que ocorrem na biblioteca acabam sendo vivenciados também pelos servidores da biblioteca, por ser seu ambiente de trabalho e a escola não ter dispõe de outros espaços para a culminância dessas atividades.

Organizamos as cadeiras de maneira circular visando a horizontalidade, no qual todos os adolescentes pudessem ouvir e serem ouvidos, tendo o construcionismo social como aporte teórico para o desenvolvimento da roda de conversa. Essa disposição, pelo olhar do construcionismo, é entendida como uma co-construção – uma construção coletiva a partir das trocas de experiências de todos/as/es que fazem parte do encontro (Rasera, 2020). Tomando como base esse pressuposto, a biblioteca foi assim organizada como orienta a teoria.

Visto isto, os relatos a seguir foram organizados numa categoria, a partir dos repertórios

interpretativos - práticas discursivas que são compostas por termos, descrições e figuras de linguagem, delimitando as opções de construção discursiva com base no contexto e nos estilos gramaticais específicos (Spink; Medrado, 2013), produzidos a partir das rodas de conversa. Com o intuito de contemplar o objetivo do estudo, organizamos da seguinte forma: **3.1 Saúde e masculinidades** e para essa categoria foram associadas subcategorias, com fragmentos das rodas de conversas, que são elas: **3.1.1 Homem chora? barreiras à expressão emocional, e 3.1.2 Consequências do machismo.** A fim de garantir o sigilo dos participantes foi perguntado qual seria o nome que cada jovem gostaria de ser chamado na escrita desse estudo, dessa forma todos os nomes são fictícios.

3.1 SAÚDE E MASCULINIDADES

Tomando como referência a presente categoria, os cuidados com a saúde dos homens são pauta recente na literatura. Destarte, os homens, na sua maioria, negligenciam o cuidado de si, para reafirmar seu “lugar” de virilidade e força masculina, marcador importante contra o que é considerado feminino. Alguns homens negam que estão em sofrimento e/ou tem algum tipo de dor, “engolem o choro” para não se mostrar vulnerável (Cardoso, 2023).

À vista disso, com o propósito de suprir o objetivo específico de analisar os diferentes repertórios linguísticos sobre masculinidades acerca das práticas de saúde integral dos estudantes; construímos as subcategorias: 3.3.1 Homem Chora? Barreiras à Expressão Emocional, e 3.3.2 Consequências do Machismo.

3.1.1 Homem chora? Barreiras à expressão emocional

Ao construirmos essa subcategoria, pensamos em expressão emocional toda e qualquer forma de demonstração de afetos no sentido amplo. Em consonância com os padrões normativos de gênero, o homem precisa ser forte, viril, não elucidar sentimentos, ser másculo, e sendo parte de uma família precisa ser o provedor (Cardoso, 2023). Essa subcategoria esteve entrelaçada durante todos os discursos da roda, volta e meia, ela surgiu, seguem algumas das sequências de trechos de falas que ilustram tal reflexão:

Belzinhão: E aí, o que vocês acharam?

Jorge: Além dos cochilos? rsrs

*Amón: Assim, o filme, o filme não, o vídeo traz várias críticas. Tem uma que é, pô tipo assim tem várias, tem uma que eu queria lembrar em específico mas eu esqueci. Mas aí, por exemplo, tem aquela parte do que ele tá chorando que aí a borracha vai lá e só apaga e coloca, e já que ele não consegue controlar o choro dele, aí ela coloca pra chover, porque aí seria uma desculpa: **Ele não tá chorando, só tá chovendo.***

Essas falas surgiram logo após o vídeo: Minha Vida de João ser reproduzido durante a roda de conversa. Amón, deixa claro que o lápis - representado no vídeo como um marcador das normas sociais hegemônicas, desenha a chuva para que o personagem não demonstre vulnerabilidade chorando - **“Ele não tá chorando, só tá chovendo”**, e seguido desse, vieram outros:

Jorge: Alguém tem uma sugestão do que seria a caneta?

*Henrique: A sociedade! Toda vez tem um limite ali. Que ele não pode chorar, que ele não pode fazer aquilo, que ele tem que brigar, que não pode correr, ele não pode **demonstrar sentimento por nada.***

Henrique, foi categórico ao falar da função do lápis no vídeo e apresentar como a sociedade presume que todo homem precisa se portar diante dela. Cardoso (2023) ao falar da sua implicação com a saúde e as masculinidades, temática da sua dissertação, ratifica os discursos acima:

Vinha percebendo essas exigências destinadas às masculinidades ao longo da minha vida tanto na esfera pessoal, quanto no trabalho. Percebi diversas vezes o esforço que os homens que me rodeavam faziam para manter-se firme mediante as situações da vida, para não demonstrar sofrimento frente às dificuldades que os assolavam e não abaixar a cabeça jamais para as demandas da vida (p.16).

A dificuldade de expressar sentimentos e/ou emoções são características que aparecem com frequência na literatura sobre as manifestações das masculinidades tradicionais. Esses sentidos produzidos e reproduzidos exercem força de verdades e ganham outras proporções, como é o caso da vida amorosa:

*Amón: Sim, é voltando a segunda parte, tem a cena que ele tá lá, imagino, tipo, sei lá uma festa, um jogo, sei lá, e aí ele começa a falar da garota ele gosta, e aí tipo assim, aparece um coração pintado, no caso, aí eu imagino que ele estava falando tipo, do quanto ele gostava dela e tal. Enquanto, os amigos dele riam. Então, tipo assim, **ele não pode nem demonstrar sentimento em relação a garota que ele gosta**, e aí eles arrumaram para ele ficar ou melhor incentivaram para ele ficar com uma outra garota que não tinha nada a ver, aí ele ficou e ganhou alguma coisa aí, uma doença sexualmente transmissível.*

Outro fator agregado a isso, é a importância da aprovação da masculinidade do homem por outros homens tendo a virilidade como indicador dessa avaliação. Ponto esse, que Zanello (2018) nos convida a pensar, “a virilidade, que confirma a masculinidade, deve ser, portanto, provada, construída, [fabricada]”. (p. 222). Exemplo disso, é o diálogo entre Paulo e Henrique:

Paulo.: No vídeo, uma coisa que eu vi duas vezes, não prestei atenção se teve mais, foi ele ir na na onda do amigo, como você disse, que foi no negócio do gato, que aí tacar a pedra, que basicamente, ele podia não ter jogado, que foi o que apareceu pelo rosto dele. Mas ele fez porque os amigos estavam fazendo...

Henrique: Sim, mas ele se arrependeu depois, tipo, ele fez porque tava na hora todo mundo atirado, dele não ser tirado, sei lá, de diferente, de viado, desse negócio. Aí ele entrou na hora,

mas depois ele quando todo mundo saiu ele se arrependeu e foi lá ajudar o gato. Mas não na frente dos amigos, por vergonha, porque tinha medo de ser julgado por eles.

A autora questiona: “Quando isso termina?” e usa os estudos de Kimmel (2016) para responder, afirmando que esse processo nunca termina, pois admitir fraqueza para um homem é ser covarde, e como consequência, é não ser homem de verdade. E, por fim, ela faz o último questionamento: “mas por quem?” indagando quem faz esse juízo de valor, a resposta é: Os homens que avaliam e legitimam uns aos outros, portanto, as masculinidades são construídas juntamente com as relações de poder (Zanello, 2018). Sendo assim, as falas a seguir reafirmam a importância da opinião pública sobre o que é esperado de um homem diante de uma situação adversa e/ou difícil:

Jorge: a gente comete mais suicídios, a gente se machuca mais, porque a gente se põe muito nesse lugar de uma pessoa muito forte, de um homem muito viril mesmo, muito forte, a força e isso faz com que a gente se machuque mais, morra mais, justamente por por uma construção de uma expectativa e de uma realidade que muitas vezes não condiz. A gente é o que a gente é!

Eric: Tem que mostrar que não tem medo que é cara de pau, fazer tudo assim assim

Jorge: Mas é possível?

Augusto: Não, na realidade não

Eric: Mas na expectativa, você tem que ter medo de nada não. Tem que meter a cara. mas na realidade não.

Jorge: Dessa forma, homem pode chorar?

Eric: pode

Belzinhão: Pode, mas ele deve?

Augusto: Deve

Baco: Não

Crazy-Roblox: Não

Henrique: Se ele tiver que chorar, chore.

Felipe: Então...

Eric: Negócio que Homem não chora?! Chora sim.

Augusto: E é de pedra é?

Zanello (2018) para explicar essas relações de poder entre os homens, se mune do conceito de masculinidade hegemônica: “Para que ela seja hegemônica é necessário desqualificar as outras virilidades, dos outros homens. Portanto, o prestígio de uma se baseia na desvalorização das demais” (p.224). Logo, as masculinidades sempre serão um campo de confrontos umas com as outras. Essa subcategoria nos faz refletir que a ideia de que “homem não chora” é um estereótipo profundamente arraigado em nossa sociedade, construído ao longo de séculos e transmitido de geração em geração e os jovens com os quais conversamos também afirmam isso. Essa crença limita a expressão emocional das masculinidades, impondo um modelo de masculinidade “hegemônica” que associa a demonstração de sentimentos à fraqueza.

3.1.2 Consequências do machismo

Aqui o machismo é pensado como um conjunto de crenças e comportamentos que colocam os homens em uma posição de superioridade em relação às mulheres. Muito do que foi discutido nas rodas de conversa passaram por esse crivo. Por se tratar de um fenômeno estrutural na sociedade, por vezes, é naturalizado e incorporado como parte das subjetividades masculinas, essa discussão pode ser vista na conversa nos seguintes trechos:

João: *Eu queria entender essa do revólver.*

Arnaldo: *porque a realidade é que o homem só quer andar com revólver*

Todos riem

Jorge: *A gente fica pensando nessa coisa, por exemplo, da violência, né? Por que nós, por exemplo, nós usamos mais da violência do que as mulheres?*

Baco: *porque é instintivo!*

Jorge: *É instintivo?!*

Augusto: *É da natureza, né?*

Henrique: *É a natureza do homem, né? Ser mais agressivo que as mulheres. Tem uns que são meio tiôgo (referindo-se aos homens que não agem com violência).*

Outro fator intrinsecamente ligado ao machismo é o patriarcado. Alguns autores, como Zanello (2018) o conceituam como um sistema que se sustenta na falsa ideia da superioridade masculina e numa performance mandatária que se estrutura num jogo de poder de dominação masculina. Visto isso, tal dominação pode construir várias opressões acerca de comportamentos e desvios dessa norma:

Jorge: *Vocês perceberam esse momento? ele é como se fosse o emocionado do rolê né? Ele falou aos amigos do sentimento que tinha pela garota e os amigos começaram a tirar onda mesmo da demonstração de afeto dele, né?*

Henrique: *Até hoje é assim, se tu tiver numa roda de amigos - a minha roda de amigos da escola é assim: se tu falar não sei o que, - tô conhecendo tal pessoa, eles já falam: - Oxe, meu irmão é e fresco é? que negócio é esse de se apaixonar! Tu se apaixonou depois tiver velho! Agora tem que passar o rodo em todo mundo mesmo, ir pra festa, maconha e tudo.*

O machismo e o patriarcado se retroalimentam, pois a estrutura patriarcal, que coloca o homem em posição de poder e controle, cria um ambiente propício para o desenvolvimento de crenças e comportamentos machistas. Vejamos mais trechos de falas que confirmam esse movimento:

Jorge: *Vocês acham que pintar uma unha diz sobre quem você deseja? Quem você se atrai? Vocês acham que isso tem alguma ligação? vocês acham que, por exemplo, a questão da depilação, né? Hoje é mais, hoje eu vejo mais comum em homens a questão da depilação. Vocês acham que isso tem alguma associação de quem vocês desejam? De quem vocês beijam?*

Henrique: *Isso é mais por higiene, porque é nojento.*

Eric: *Minha Vó mesmo já disse: "Tá raspando as pernas! Tá virando fresco?! Oxe rapaz, raspar as pernas perde a força viu?"*

Jorge: *E quem é que diz isso?*

Eric: *minha Vó*

Henrique: *São mais os avós.*

Jorge: *E vocês sabem de onde eles aprenderam isso?*

*Henrique: geralmente é a mulher que se depila
Amón: Mas até isso era proibido tempos atrás.*

Por conseguinte, a sexualidade é um dos campos mais explorados para manter essa expressão de dominação e virilidade. Dessa forma, o homem demarca seu território a partir da sua imagem de identidade viril, sexualmente ativo e seu pênis ereto como objeto de confirmação de força (Zanello, 2018). O que corrobora com as falas da Avó de Eric e dos amigos de Henrique, tudo que foge da norma, é associado ao feminino de maneira pejorativa. Vejamos a fala de Paulo:

Jorge: Como vocês veem no vídeo quando surge essa questão da sexualidade? Vocês conseguem fazer uma associação com a vida de vocês? Do que aquele lapisinho exige ou não? Ou não faz sentido para vocês?

Paulo: Pra mim faz bastante, que basicamente esse negócio da sociedade e tudo mais, eu acabei sofrendo. No caso, quando antes de eu me assumir gay, basicamente chegou a um ponto de eu ver as pessoas ao meu redor e tudo mais, e eu não saber porque eu era diferente e tudo mais, e basicamente eu chorar e pedindo a Deus para tirar isso de mim. Eu ver que infelizmente, eu não não senti a mesma coisa, não é igual aos outros e a sociedade eu querendo segui-la, o que ela dizia, mas eu não fazia parte dela, não do jeito ela queria.

Aqui, podemos observar que o patriarcado e suas formas de opressão fizeram Paulo se sentir culpado de não corresponder ao próprio sistema. Zanello (2018) enfatiza “uma das marcas do ideal viril de masculinidade contemporânea (hegemônica, heterossexual) é ter o “cu fechado”. Destaca-se a injunção de ser sempre o “penetrador” e nunca, de forma alguma, ser/ter sido penetrado” (p.179). A associação à homossexualidade é corriqueira nas falas dos participantes:

Henrique: ele queria falar aqui.

Prado: É assim minha família ficou decepcionada porque meu primo se assumiu gay, que esperavam que ele fosse namorar com uma pessoa, fosse hétero, no caso. Uma vez, por exemplo, aqui (escola) ele (Felipe) pintou minha unha com lápis hidrocor, aí chegando em casa minha mãe reclamou...

Jorge: Como foi que tu se sentiu?

Henrique: Ela disse que ele tava ficando igual ao primo dele!

Todos riem.

Jorge: Como foi que você se sentiu com isso?

Prado: Fiquei mal

Os efeitos de práticas machistas são inúmeros, tanto para quem os recebe quanto para quem os exerce. Conforme Cardoso (2023), “Assim, o machismo pode vir a ser, para uma parte dos homens, causa de sofrimento e adoecimento mental, e se fazer ainda obstáculo ao processo de enfrentamento dos mesmos ao não permitir mediações ou reflexividade” (p.48). Por essa razão, o adoecimento por parte dos homens tende a aumentar, pelos silenciamentos em detrimento de uma norma a ser seguida.

Pensando nisso, nas seguintes falas é possível observar os efeitos desses silenciamentos na saúde dos homens:

Jorge: Conseguem visualizar a construção do que é o masculino na nossa sociedade? isso impacta na nossa saúde, gente?

Todos: Sim

João: Saúde Mental

Jorge: Só mental? Porque se nós somos mais violentos é porque uma sociedade impõe que sejamos sempre violentos. A gente morre mais.

Eric: A gente vai ser preso.

Jorge: Não sei se é um dado que vocês tem acesso: Mas nós homens morremos muito mais do que as mulheres e com justamente porque nos colocamos mais em riscos..

Eric: Comete suicídio

Jorge: a gente comete mais suicídios, a gente se machuca mais, porque a gente se põe muito nesse lugar de uma pessoa muito forte, de um homem muito viril mesmo, muito forte, a força e isso faz com que a gente se machuque mais, morra mais, justamente por por uma construção de uma expectativa e de uma realidade que muitas vezes não condiz. A gente é o que a gente é!

Lima *et.al* (2020) enfatizam que a diversidade de barreiras que as masculinidades hegemônicas e sua perpetuação podem causar nas práticas de saúde, principalmente aos próprios homens, entre eles: Não acessar dispositivos de saúde - pode resultar em atrasos no diagnóstico e tratamento de doenças; Comportamentos de risco - a ideia de masculinidade associada à coragem e invulnerabilidade pode levar os homens a adotarem comportamentos de risco, como consumo excessivo de álcool, tabagismo e falta de cuidados preventivos, o que aumenta a probabilidade de problemas de saúde; Estigma em relação a problemas de saúde mental - o machismo pode contribuir para o estigma em torno da saúde mental masculina, fazendo com que os homens evitam buscar ajuda para questões emocionais e psicológicas, o que pode resultar em subdiagnóstico e subtratamento de transtornos mentais; e por fim, Impacto na qualidade de vida - a pressão para aderir a normas rígidas de masculinidade pode afetar negativamente a saúde mental e emocional dos homens, contribuindo para altos níveis de estresse, ansiedade e depressão.

As masculinidades hegemônicas, construídas social e historicamente, impõem um conjunto de normas e expectativas sobre o que significa ser homem e masculinidades. Essas normas, muitas vezes rígidas e limitantes, exercem um papel crucial na construção de barreiras que impedem os homens de buscarem e acessarem cuidados de saúde adequados. Nesse sentido, a masculinidade hegemônica associa a busca por ajuda e a expressão de sentimentos à fraqueza, desencorajando os homens a reconhecerem suas próprias necessidades e a procurarem ajuda quando estão doentes ou sofrendo emocionalmente. Assim, ressaltamos que é fundamental desconstruir a ideia de que os homens precisam ser fortes o tempo todo e que a busca por ajuda é um sinal de fraqueza.

5 CONCLUSÃO

Assim, essa investigação visou contribuir para o fomento da criticidade para entender as mudanças da sociedade contemporânea e questionar as formas já cristalizadas nela. Considerando os

resultados desta pesquisa é possível destacar importantes reflexões. Inicialmente, a análise da literatura específica sobre masculinidades e saúde apontou lacunas significativas nessa área de estudo, especialmente quando direcionada para adolescentes e suas vivências escolares. A investigação também evidenciou as (im)possibilidades de abordar o tema das masculinidades dentro do ambiente escolar, ressaltando a necessidade de estratégias de entrada que considerem a sensibilidade e a receptividade dos adolescentes. Ao mapear os sentidos produzidos sobre masculinidades pelos estudantes, identificou-se a presença marcante da masculinidade hegemônica, com suas implicações no cotidiano escolar, o que reforça a importância de promover discussões que desfamiliarizam esses padrões e promovam a diversidade de expressões de gênero. Além disso, a análise dos diferentes repertórios linguísticos relacionados às práticas de saúde integral dos estudantes evidenciou a necessidade de uma abordagem sensível e inclusiva que considere as múltiplas dimensões da masculinidade na promoção do bem-estar dos adolescentes. Diante desses achados, reitera-se a relevância desta pesquisa para a Psicologia Social, não apenas por preencher lacunas na literatura sobre masculinidades e adolescência, mas também por apontar para a urgência de mais estudos que abordem de forma direta e específica essa temática, visando contribuir para uma compreensão mais ampla e contextualizada das vivências dos adolescentes e para a promoção de ambientes escolares mais inclusivos, saudáveis e igualitários.

REFERÊNCIAS

- BATISTA, Neiza Cristina Santos; BERNARDES, Jefferson; MENEGON, Vera Sônia Mincoff. Conversas no cotidiano: um dedo de prosa na pesquisa. A produção de informação na pesquisa social: compartilhando ferramentas, p. 97-122, 2014.
- BUTLER, Judith. Problemas de gênero: feminismo e subversão da identidade. Editora Civilização Brasileira, cap.1, 2022.
- BRASIL, Lei nº Lei 4432/2017, dia 13 de dezembro de 2017. Veda-se a adoção da Ideologia de Gênero nas práticas pedagógicas, no cotidiano das escolas da Rede Municipal de Ensino do Município de Garanhuns. Disponível em: <http://www.extremehost.uni5.net/transparenciaMunicipal/download/34-2019021216_238.pdf> Acesso em 27.02.2024.
- BRASIL. Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional, LDB. 9394/1996. BRASIL.
- BRASIL. Lei nº 11.340, de 7 de agosto de 2006. Cria mecanismos para prevenir e coibir a violência doméstica e familiar contra a mulher e dá outras providências. Diário Oficial da União, Brasília, DF, 8 ago.
- BRIGAGÃO, Jaqueline Isaac M. et al. Como fazemos para trabalhar com a dialogia: a pesquisa com grupos. A produção de informação na pesquisa social: compartilhando ferramentas, v. 1, p. 73-96, 2014.
- CARDOSO, Jamille Kássia da Silva. Produção de sentidos sobre masculinidades e saúde entre profissionais em saúde mental, no sertão de Pernambuco. 2023. Dissertação de Mestrado. Universidade Federal de Pernambuco.
- CASSIANO, Marcella; FURLAN, Reinaldo. O processo de subjetivação segundo a esquizoanálise. Psicologia & Sociedade, v. 25, p. 373-378, 2013.
- CONNELL, Robert W.; MESSERSCHIMIDT, James W. Masculinidade hegemônica: Masculinidade hegemônica. Revista Estudos Feministas, v. 21, n. 1, p. 241, 2013.
- CONNELL, R.; PEARSE, R. Gênero uma perspectiva global: Compreendendo o gênero—da esfera pessoal à política—no mundo contemporâneo. nVersos. Cap. 1, 2, 3 e 5, 2015.
- FOUCAULT, Michel. Microfísica do Poder. Organização e tradução de Roberto Machado. Rio de Janeiro: Edições Graal, cap 1 à 4, 2001b.
- FURLANI, Jimena. Educação sexual: possibilidades didáticas. Corpo, gênero e sexualidade: um debate contemporâneo na educação, v. 9, p. 67-82, 2018.
- LIMA, Edgley Duarte et al. Masculinidades na publicidade governamental sobre saúde do homem no Brasil. Arquivos Brasileiros de Psicologia, v. 72, n. 2, p. 155-174, 2020.
- LOURO, Guacira Lopes; GOELLNER, Silvana Vilodre; FELIPE, Jane. Corpo, gênero e sexualidade: um debate contemporâneo na educação. Editora Vozes, cap. 1, 3. 2018.

LOURO, Guacira Lopes. Gênero, sexualidade e educação. Petrópolis: vozes, cap 1 e 3, 1997.

MEDRADO, Benedito; LYRA, Jorge. Por uma matriz feminista de or uma matriz feminista de gênero para os estudos sobre homens e masculinidades. 2008.

MEDRADO, Benedito; SPINK, Mary Jane Paris; MÉLLO, Ricardo Pimentel. Diários como atuantes em nossos pesquisas: narrativas ficcionais implicadas. 2014.

MINAYO, Maria Cecília de Souza. Pesquisa Social. Teoria, método e criatividade. 18 ed. Petrópolis: Vozes 2001.

NOVOA, Patricia Correia Rodrigues. O que muda na ética em pesquisa no Brasil: Resolução 466/12 do Conselho Nacional de Saúde. Einstein (São Paulo), v. 12, p. vii-vix, 2014.

PARPINELLI, Roberta Stubs; FERNANDES, Saulo Luders. Subjetivação e psicologia social: dualidades em questão. Fractal: Revista de Psicologia, v. 23, p. 191-204, 2011.

RASERA, Emerson Fernando. Construcionismo social e trabalho comunitário: conflito, diálogo e participação. Psicologia & Sociedade, v. 32, 2020.

SPINK, Mary Jane. Linguagem e produção de sentidos no cotidiano, cap.1, 2010.

SPINK, Mary Jane P.; FIGUEIREDO, Pedro; BRASILINO, Jullyane. Psicologia social e pessoalidade. 2011.

SPINK, Mary Jane. Práticas discursivas e produção de sentidos no cotidiano: aproximações teóricas e metodológicas. Cortez, 2013.

SPINK, Peter Kevin. O pesquisador conversador no cotidiano. Psicologia & Sociedade, v. 20, p. 70-77, 2008.

ZANELLO, Valeska. Saúde mental, gênero e dispositivos: cultura e processos de subjetivação. Editora Appris, cap. 1, 7 e 8, 2020.